



CAPOEIRA NA ESCOLA E O PRECONCEITO COM A MULHER

SANTOS, Marieli Moreira Paulino dos¹
marcielimoreira29@hotmail.com

PREIRA, Lisanil da Conceição Patrocínio²

Resumo

Este texto é um fragmento do projeto de TCC do Curso de Pedagogia e versa sobre a capoeira e o preconceito contra a mulher nesse universo a princípio tido apenas como masculino. A capoeira foi criada no Brasil em meados do século XVI pelos negros trazidos da África para aqui serem escravizados. Pelo fato dos escravos oriundos da África sofrerem constantemente agressões físicas por parte dos senhores de engenho e capatazes os mesmos começaram a observar os animais do mato em suas batalhas com isso como quaisquer tipos de lutas eram proibidos nas senzalas esses escravos usavam ritmos, movimentos, danças e batuques de suas origens para disfarçar uma luta, por meio de suas forças físicas esses escravos usavam braços, pernas, cotovelos, ombros e cabeçadas como proteção contra seus donos e agressores, dando surgimento assim a capoeira. Ao longo da sua história a capoeira contribuiu com a resistência dos negros e o hoje tem contribuído para minimizar o preconceito na escola graças a Lei 10.639/2003. Atualmente a capoeira é um esporte globalizado e afro-brasileira que nasceu dos escravos, enquanto as maiorias das modalidades oferecidas no âmbito escolar vêm das culturas europeias e norte-americanas, as quais se denominam como cultura de movimento da classe dominante branca. A capoeira foi reconhecida como Patrimônio Cultural e Imaterial da Humanidade e é um esporte que sofre muito preconceito pelo fato de ter sido criada por escravizados no início da história do Brasil e ter sido desenvolvida nas senzalas, ainda por muitos opressores é conhecida como, uma forma de manifestação da marginalidade.

Palavras-chave: Gênero; Educação; Cultura; Capoeira

Introdução

A capoeira passou a fazer parte da minha vida desde a infância, quando eu negra menina humilde que mal tinha a alimentação básica em casa, tive a oportunidade através do professor Modelo (Valdeson de Paula Portela) de praticar este esporte que contribuí com a formação cidadã e assim tenho percebido a necessidade de a capoeira estar inserida na escola

¹ Graduanda em Pedagogia na UNEMAT *Campus* Universitário de Juara.

² Professora Pós Doutora do curso de Pedagogia da UNEMAT *Campus* Universitário de Juara/MT.



não só para representar a cultura negra do nosso país, mais também para diminuir o preconceito contra as mulheres e da um suporte cultural e interdisciplinaridade tanto para os docentes quanto para os discentes.

Nasci negra e mulher, na cidade de Porto dos Gaúchos, por falta da presença paterna minha mãe teve que evadir da escola e trabalhar dia e noite para dar o que comer para mim e para a minha irmã quatro anos mais velha. Como éramos de família com renda familiar muito baixa, sofri muito preconceito na escola, por não ter um chinelo ou roupa sem estar rasgada para ir para a escola, e o fato de ter a pele negra e o cabelo de origens africanas, esse preconceito só aumentava. Apesar de eu tentar prestar atenção nas aulas esses apelidos causados pelos preconceitos não deixava que eu tivesse um bom desenvolvimento escolar dito pela escola. Quando alguém me apelidava eu já batia. Pelo fato de sermos muito carentes minha irmã começou a trabalhar aos 10 anos como babá para ajudar nas despesas da casa, com isso não tinha ninguém para ficar comigo para a minha mãe ir trabalhar aos sábados, então eu passei dois anos indo trabalhar com ela no Sindicato dos Trabalhadores Rurais, eu a ajudava na limpeza. Certo dia eu escutei uns barulhos de batuques e sons de palmas e crianças cantando no prédio vizinho onde funcionava um ginásio de esportes, então terminei o meu serviço muito rápido para ver o que estava acontecendo, quando cheguei lá fiquei maravilhada com tudo aquilo, várias crianças e adolescentes se divertindo dando pernadas e cantando ao som dos instrumentos que eu numa houvera visto, mais de um som espetacular no meu ver e muito contagiante. Passei alguns sábados depois de minhas obrigações observando aquilo, foi quando o professor responsável perguntou se eu não queria participar, e eu não hesitei para responder que sim, aquele dia foi mágico, foi à sensação mais prazerosa que eu havia sentido até aquele momento. Então falei para a minha mãe que eu estava praticando capoeira, porém ela disse que iria conversar com o professor para saber do que se tratava. Então na conversa com o professor da arte ele disse que eu iria ter com quem ficar todos os dias da semana no período vespertino e que a prática da capoeira ajudava no desempenho escolar e também no social. Então nesse dia minha mãe deixou oficialmente eu praticar a arte da capoeira.

No dia 20 de Abril de 2002, quando eu tinha 08 anos de idade, comecei a jogar capoeira treinava com o professor Valdeson Paula Portela, conhecido como (Professor Modelo), o mesmo que a princípio morava na mesma cidade que eu. Nos primeiros oito sete anos o números de alunos era grande, porém se existisse cinquenta alunos apenas uma dezena



desses era do sexo feminino, com isso eu também sofri preconceito, agora não só pela cor da pele ou os traços do cabelo, mas também por praticar um esporte denominado masculino, os xingamentos vinham com constância, dentre eles estão (neguinha do sarava, macaca, nega fedida, cabelo pixaim, sapatão, macho fêmea, aberração, experiência que deu errado e outros mais) eu sabia que o preconceito era forte, mas o professor não deixava que esse fator nos afetasse da arte, então esse preconceito nos fortalecia cada vez mais. Com o passar do tempo àquelas crianças foram crescendo e procurando outras modalidades de esportes e artes. Como não tinha muitos alunos o professor em busca de ovas possibilidades de vida acabou se mudando para a cidade vizinha, como o professor continuou dando aulas de capoeira, então me deslocar para a cidade vizinha duas vezes por semana, onde os treinos eram mais pesados e avançados. No começo sofri muito pré-conceito/preconceito pelo fato de ser mulher e fazer um esporte considerado pela sociedade masculino, porém o meu desenvolvimento não era muito distinto dos alunos do sexo masculino que treinavam a mais tempo daquela maneira, e isso fez com que as pessoas tanto dentro da capoeira quanto fora dessem mais valor para minha atuação dentro do grupo.

Em 2013, após onze anos de ingresso na capoeira, em um evento de capoeira do grupo Centro Cultural Aruandê Capoeira na cidade de Nova Mutum coordenado pelo Mestrando Fattal, recebi a notícia de que seria a quarta mulher a receber a corda de graduanda. Com a coordenação do professor Modelo, dei continuidade no projeto que ele havia começado na cidade de Porto dos Gaúchos. Então fui a primeira e até então única mulher a dar aula de capoeira no Vale do Arinos, porém em outra realidade agora mais de 60% dos alunos que treinavam comigo eram do sexo feminino. Porém as mesmas relatava que vinham passando pelo mesmo preconceito que eu havia sofrido na escola.

Após esses relatos, percebi o quanto era importante banir esse tipo de preconceito, da sociedade dentro e fora da escola, pois de acordo com uma pesquisa divulgada em junho deste ano pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) revelou que todas as pessoas envolvidas com a escola, desde os pais até os docentes, praticam algum tipo de discriminação. 99,3% dos alunos, pais e funcionários têm algum tipo de preconceito étnico-racial, socioeconômico, com relação a portadores de necessidades especiais, gênero, geração, orientação sexual ou territorial.



Com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em que eu era bolsista, pude perceber que os Docentes trabalhavam com as relações raciais de cultura afro-brasileira, somente nas semanas do dia 13 de maio e 20 de novembro, e muitas vezes não tinham um entendimento dessas atividades. Indo contra o que diz a Lei, 10.639/03.

Desta forma assim como eu na minha infância sofri preconceito por ser praticante da capoeira e por defender essa cultura, pude ter uma percepção notável de que as crianças principalmente do sexo feminino, sofrem também hoje em dia esse tipo de pré-conceito/preconceito, pelo fato de não ser trabalhado com frequência a cultura afro-brasileira no âmbito escolar. E esse preconceito muitas vezes não parte somente da classe discente.

Com a entrada da Escola Municipal Gustavo Adolfo Wilke no Programa Mais Educação do Ministério da Educação (MEC) a capoeira foi uma das atividades escolhidas para compor o Programa Mais Educação, fazendo com que a mesma responda a referida Lei e seja incluída no currículo escolar. Proporciona assim, um maior entendimento da comunidade escolar sobre os assuntos referentes tanto a capoeira como a cultura afro-brasileira, desmistificando o preconceito que existe dentro da escola, proporcionando tanto as crianças praticantes da arte da capoeira quanto às crianças negras que de alguma forma assumem a sua negritude, e as que não assumem uma maior aceitação de si próprio para com o outro.

Nesse sentido a capoeira poderia de uma forma bem abrangente auxiliar a escola no trabalho da História do Brasil e atividades que envolva a cultura afro-brasileira, bem como a musicalidade, dança e luta. Mas para o ensino da capoeira no âmbito escolar, os docentes devem compreender o papel social que ela exerce.

A capoeira na Escola: Desconstrução de preconceito

Como tem em muitas escolas brasileiras a obrigatoriedade de ser incluído no curriculum escolar a pratica da capoeira (Lei nº 10.639/03 – artigo 26 A) que torna obrigatório o ensino da História afro-brasileira em todo o curriculum escolar, sendo assim, os professores devem incluir em suas aulas a temática da história e cultura dos negros. O MEC sugere a capoeira na disciplina no Currículo da Educação Física, os PCNs são sugeridos temas como a Pluralidade Cultural, e nas aulas de Educação Física escolar tem que se abordarem



esportes, jogos, danças, brincadeiras e lutas, neste caso, a capoeira abrange todos os requisitos, sendo uma possibilidade globalizadora. (WIELECOSSELES, 2011). Dessa forma a capoeira é o esporte que possibilita uma interdisciplinaridade integrando todas as disciplinas, bem como a de História, Português, Geografia, Artes, Literatura e inclusive a Geometria (FERREIRA NETO, 2009). Pensando em disciplina de história, no contexto da capoeira pode se trabalhar heranças culturais, tais como: comidas típicas, danças, tradições e costumes culturais, história da escravidão no Brasil dos povos indígenas, Guerra do Paraguai, Abolição da escravatura, Quilombos que existe no Brasil, Lei Aurea e após isso o que refletiu e ainda reflete na vida social de nossas crianças negras. Pensando em Geografia, o docente pode trazer para dentro da sala, possibilidades que ressalte a economia do Brasil, Portugal e África na época da escravidão e localização geográfica do continente africano. Na arte existem inúmeras possibilidades de se trabalhar a temática “capoeira”, partindo do conhecimento dos alunos e baseando-se em alguns artistas do gênero, como: Jean Baptista Debret, Hector Julio Paride Bernabó (Carybé), Johann Moritz Rugendas, acadêmico de Belas-Artes de Munique, pode fazer pinturas para exposições ou até mesmo concursos artísticos. Em concordância com Ferreira Neto (2009) na Literatura há referências sobre a Capoeira nas obras de Jorge Amado – Bahia de Todos os Santos – com o capítulo intitulado Capoeiras e Capoeiristas e na obra de Manuel Antonio de Almeida com o romance, Memória de um Sargento de Milícias, onde o personagem principal foi, na vida real, um hábil capoeirista.

Segundo Soares & Júlio (2011) a capoeira é um esporte rico de cultura e movimento corporal, por isso se encaixa perfeitamente nas exigências da Educação Física escolar. Os conteúdos da capoeira ajudam na formação de seres humanos capazes de conviver com as diferenças. E com a implantação do Projeto Mais Educação nas escolas a mesma poderia trabalhar este esporte e quebrar essa gama de preconceito.

Considerações finais

A capoeira e a sua história no Brasil, desde a colonização desta nação é indispensável para a compreensão da construção da sociedade brasileira. Se a história da capoeira é carregada de preconceitos, a presença feminina nas rodas de capoeira sofre muito mais



preconceitos e esta é uma luta que nós mulheres capoeiristas temos que enfrentar nas rodas de capoeira.

Referências

FERREIRA NETO, José Olímpio. **Capoeira no Contexto Escolar:** Instrumento Facilitador da Aprendizagem, In: SANTOS, José Kennedy Silva dos, Abrindo Trilhas para os Saberes: Formação Humana, Cultura e Diversidade. Fortaleza: SEDUC-CE, 2009, p.153-164.

SOARES, Everton Barbosa & JULIO, Marli das Graças. **A Inserção da Capoeira no Currículo Escolar.** EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, 2011.

WEILECOSSELES, Leandro Madalosso. **A Roda de Capoeira na Roda do Conhecimento:** Uma Prática Educativa. Colóquium Internacional de Educação Física sobre Indicadores de Qualidade do Ensino Fundamental, 2011.